

MICHEL HOUELLEBECQ

# Plataforma

TRADUÇÃO

Ari Roitman

Paulina Wacht

ALFAGUARA  


Copyright © 2001 by Michel Houellebecq e Flammarion

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Plateforme

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Foto de capa*

Imagen de Alceu Chiesorin Nunes sobre fotografias de Shutterstock

*Preparação*

Julia Passos

*Revisão*

Carmen T. S. Costa

Marise Leal

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Houellebecq, Michel  
Plataforma / Michel Houellebecq; tradução Ari  
Roitman, Paulina Wacht. – 1ª ed. – Rio de Janeiro:  
Alfaguara, 2018.

Título original: Plateforme.  
ISBN: 978-85-5652-074-6

1. Ficção francesa I. Wacht, Paulina. II. Título.

18-19182

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura francesa 843

Ioanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia  
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/alfaguara.br](http://facebook.com/alfaguara.br)

[instagram.com/editora\\_alfaguara](http://instagram.com/editora_alfaguara)

[twitter.com/alfaguara\\_br](http://twitter.com/alfaguara_br)

*Quanto mais infame é sua vida, mais o homem se importa com ela; ela se torna então um protesto, uma vingança de todos os instantes.*

Honoré de Balzac

# Sumário

PRIMEIRA PARTE – Tailândia tropical	9
SEGUNDA PARTE – Vantagem competitiva	105
TERCEIRA PARTE – Pattaya Beach	249

PRIMEIRA PARTE  
Tailândia tropical

# 1

Meu pai morreu há um ano. Não acredito na teoria de que a gente só se torna *realmente adulto* com a morte dos pais; acho que jamais nos tornamos *realmente adultos*.

Diante do caixão do velho me vieram pensamentos desagradáveis. Tinha aproveitado a vida, aquele sacana; provou do bom e do melhor. “Você teve filhos, seu imbecil”, disse para mim mesmo com toda a convicção. “Você enfiou sua pica grossa na boceta da minha mãe.” Enfim, eu estava um pouco tenso, sem dúvida; não é todo dia que há mortos na família. Não quis ver o cadáver. Estou com quarenta anos e já tive que ver mais de um cadáver; agora prefiro evitar. Foi por isso que nunca quis comprar um bicho de estimação.

Tampouco me casei. Tive várias oportunidades, mas abri mão de todas. Porém, gosto das mulheres. O celibato é uma espécie de aflição na minha vida. Incomoda principalmente nas férias, porque as pessoas desconfiam de homens na minha idade passando férias sozinhos: supõem neles um bocado de egoísmo e sem dúvida um pouco de vício; não posso dizer que estejam erradas.

Depois do enterro, voltei para a casa onde meu pai passou seus últimos anos. O corpo tinha sido descoberto uma semana antes. Um pouco de poeira já se acumulava junto aos móveis e nos cantos dos aposentos; na moldura de uma janela, vi uma teia de aranha. O tempo, a entropia e todas essas coisas tomavam posse suavemente do lugar. A geladeira estava vazia. Nos armários da cozinha havia basicamente quentinhos dos Vigilantes do Peso, caixas de proteína aromatizada e barras de cereal. Andei pelos aposentos do térreo comendo um biscoito amanteigado. Na sala do boiler, pedalei um pouco na bicicleta ergométrica. Meu pai, com mais de setenta anos, tinha uma condição física bem melhor que a minha. Fazia uma hora de ginástica

intensa todos os dias e nadava duas vezes por semana. Aos sábados e domingos, jogava tênis e andava de bicicleta com pessoas da sua idade; encontrei algumas delas no enterro. “Ele sempre puxava a fila!”, exclamou um ginecologista. “Ele era dez anos mais velho que nós, mas numa subida de dois quilômetros nos deixava mais de um minuto para trás.” Papai, papai, dizia eu, como você era vaidoso! No ângulo esquerdo do meu campo de visão tinha um banco de musculação e halteres. Imediatamente imaginei um cretino de short — com o rosto enrugado, mas fora isso muito parecido com o meu — inflando os peitorais com uma energia sem esperança. Papai, pensei, papai, você construiu seu castelo em cima da areia. Eu continuava pedalando, mas comecei a ficar ofegante e com uma leve dor nas coxas; e nem havia passado do nível um. Lembrando-me da cerimônia fúnebre, tive consciência de ter produzido uma excelente impressão geral. Sempre estou muito bem barbeado, meu torso é estreito; como me apareceu um começo de calvície por volta dos trinta anos, decidi cortar o cabelo bem curinho. Geralmente uso ternos cinza, gravatas discretas, e nunca tenho um ar muito alegre. Com cabelo rente, óculos finos e meu rosto mal-encarado, abaixando ligeiramente a cabeça para ouvir um mix de cantos fúnebres cristãos, eu me sentia muito à vontade ali — bem mais à vontade que num casamento, por exemplo. Os enterros, decididamente, são a minha praia. Parei de pedalar, tossi de leve. A noite caía nos prados à minha volta. Ao lado da estrutura de cimento onde o boiler estava fixado via-se uma mancha amarronzada, que não haviam limpado direito. Foi ali que encontraram meu pai, com o crânio rachado, vestindo um short e uma camiseta “*I love New York*”. A morte acontecera três dias antes, segundo o legista. Com extremo rigor, era possível dizer que tinha sido um acidente, ele podia ter escorregado numa poça de óleo ou coisa parecida. Mas convém acrescentar que o piso do lugar estava perfeitamente seco e o crânio havia se rachado em vários lugares, deixando um pouco de cérebro espalhado pelo chão; tudo levava a crer que se tratava de um assassinato. O capitão Chaumont, da delegacia de Cherbourg, viria falar comigo naquela noite.

De volta à sala, liguei a televisão, uma Sony 16/9 com tela de trinta e três polegadas, som *surround* e DVD integrado. Na tfl estava passando um episódio de *Xena: a princesa guerreira*, uma das minhas séries favoritas; duas mulheres bem musculosas usando corpetes metálicos e minissaias de couro se enfrentavam com suas espadas. “Seu reinado já durou demais, Tagrathâ!”, exclamava a loura. “Eu sou Xena, a guerreira das Planícies do Oeste!” Bateram na porta; eu diminuí o volume.

Lá fora, a noite tinha caído. O vento sacudia levemente as folhagens que pingavam de chuva. Uma garota de uns vinte e cinco anos, de tipo norte-africano, estava na entrada.

— Eu me chamo Aïcha — disse ela. — Eu fazia a limpeza do sr. Renault duas vezes por semana. Vim buscar minhas coisas.

— Está bem... — respondi — está bem...

Fiz um gesto que queria ser acolhedor, um gesto qualquer. Ela entrou, deu uma olhada rápida na tela da televisão: as duas guerreiras lutavam agora corpo a corpo, quase ao lado de um vulcão; imagino que o espetáculo tenha seu lado excitante, para certas lésbicas.

— Não quero incomodar — disse Aïcha —, são só cinco minutos.

— Não está me incomodando — respondi —, nada me incomoda, para dizer a verdade. — Ela balançou a cabeça como se tivesse compreendido, seus olhos se detiveram por um instante no meu rosto; na certa devia estar avaliando minha semelhança física com meu pai, talvez inferindo um grau de semelhança moral. Após alguns segundos de exame, virou-se e subiu a escada que levava até os quartos. — Fique à vontade — completei, com uma voz abafada —, não há pressa nenhuma...

Ela não respondeu nem interrompeu a subida; provavelmente nem mesmo tenha escutado. Voltei a me sentar no sofá, esgotado por aquele encontro. Deveria ter me proposto a guardar seu casaco; é o que se oferece às pessoas, normalmente: guardar os casacos. Nesse momento tomei consciênciade que estava terrivelmente frio na sala — um frio úmido e penetrante, um frio de caverna. Eu não sabia acender o boiler nem tinha vontade de tentar, agora que meu pai estava morto e eu já deveria ter ido embora de uma vez. Passei para o canal FR3 bem a tempo de acompanhar a última rodada de *Perguntas*

*para um Campeão.* Na hora em que Nadège, de Val-Fourré, dizia para Julien Lepers que iria pôr seu título em jogo pela terceira vez, Aïcha tornou a aparecer na escada, com uma pequena sacola de viagem às costas. Desliguei a televisão e caminhei rapidamente em sua direção.

— Sempre tive muita admiração por Julien Lepers — comentei. — Mesmo quando ele não conhece especificamente a cidade ou o povoado de origem do candidato, sempre acaba dizendo alguma coisa sobre o município, a minirregião; tem informações ao menos aproximadas sobre o clima, as belezas naturais. E, o mais importante, conhece a vida: para ele os candidatos são seres humanos, percebe suas dificuldades e suas alegrias. Nada do que compõe a realidade humana deles lhe é estranho ou hostil. Seja quem for o candidato, consegue fazê-lo falar do seu trabalho, de sua família, de suas paixões — enfim, de tudo o que para ele constitui uma vida. Muitas vezes os candidatos participam de uma banda de música, de um coral, colaboram na organização de uma festa local ou se dedicam a alguma causa humanitária. Seus filhos muitas vezes estão presentes. De modo geral, o programa transmite a impressão de que as pessoas são felizes, e a gente também se sente mais feliz, e melhor. Não acha?

Ela me olhou sem sorrir; seu cabelo estava amarrado num coque, seu rosto, pouco maquiado, suas roupas eram bastante sóbrias — uma garota séria. Hesitou alguns segundos antes de dizer numa voz baixa, que a timidez enrouquecia um pouco:

— Eu gostava do seu pai.

Não encontrei nada para responder; aquilo me parecia esquisito, mas afinal possível. O velho devia ter histórias para contar: tinha viajado pela Colômbia, pelo Quênia e sei lá mais onde; teve oportunidade de observar rinocerontes com binóculos. Toda vez que nos víamos, ele se limitava a ironizar minha situação de funcionário público, a segurança que ela proporcionava. “Você arranjou uma bela mordomia...”, repetia sem ocultar seu desprezo; coisa sempre um pouco difícil nas famílias.

— Estudei enfermagem — prosseguiu Aïcha —, mas quando saí da casa dos meus pais fui obrigada a trabalhar de faxineira.

Eu espremia os miolos para descobrir uma resposta apropriada: será que deveria lhe perguntar sobre o valor dos aluguéis em Cher-

bourg? Finalmente optei por um “Ah...”, com o qual tentei transmitir certa compreensão da vida. Aquilo lhe pareceu suficiente e ela avançou em direção à porta. Grudei o rosto no vidro para observar seu Volkswagen Polo manobrando no caminho enlameado. No canal FR3 havia um filme que devia se passar no século XIX, com Tchéky Karyo no papel de um trabalhador rural. Entre uma aula de piano e outra, a filha do proprietário — interpretado por Jean-Pierre Marielle — concedia certas intimidades ao sedutor camponês. Os amassos ocorriam num estábulo; peguei no sono bem na hora em que Tchéky Karyo arrancava com energia a calcinha de organdi da moça. A última coisa de que tive consciência foi o corte para um bando de porcos.

Fui acordado pela dor e pelo frio; devo ter adormecido numa posição ruim, porque minha cervical estava paralisada. Tossi violentamente, tentando me erguer. Meu hálito enchia de vapor a atmosfera glacial do quarto. Estranhamente, na televisão estava passando *A Pesca*, um programa do TF1; devo ter acordado, ou pelo menos atingido um nível de consciência suficiente para mexer no controle; não me lembrava de nada. O programa da noite era dedicado aos silurídeos, peixes gigantescos desprovidos de escamas e atualmente muito comuns nos rios franceses, por causa do aquecimento global; eles apreciam particularmente as cercanias das centrais nucleares. A reportagem se propunha a esclarecer certos mitos: os silurídeos adultos, de fato, atingiam o comprimento de três a quatro metros; no rio Drôme podiam-se encontrar alguns que ultrapassavam os cinco metros; isso nada tinha de incrível. Por outro lado, era completamente impossível vê-los adotar um comportamento carnívoro ou atacar banhistas. A desconfiança popular que envolve os silurídeos parecia de certa maneira contagiar os que se dedicavam à sua pesca; a pequena confraria de pescadores de silurídeos era malvista na família maior dos pescadores. Eles se melindravam com isso, e queriam aproveitar o programa para mudar aquela imagem negativa. Certamente não podiam se valer de razões gastronômicas: a carne dos silurídeos era rigorosamente incomível. Mas é uma pesca muito bonita, ao mesmo tempo inteligente e esportiva, que tinha certa semelhança com a do

linguado e merecia conquistar mais adeptos. Dei alguns passos pela sala sem conseguir me aquecer; não suportava a ideia de deitar na cama do meu pai. Afinal subi para buscar travesseiros e cobertas e me instalei precariamente no sofá. Dormi logo depois dos créditos de *Silurídeo Desmistificado*. A noite estava opaca, o silêncio também.

## 2

Tudo chega ao seu fim, inclusive a noite. Fui arrancado de uma letargia sáuria pela voz, clara e sonora, do capitão Chaumont. Ele pediu desculpas, porque não tivera tempo de passar na véspera. Eu lhe ofereci um café. Enquanto a água esquentava, instalou seu laptop na mesa da cozinha e ligou a impressora. Assim, poderia me fazer ler e assinar o depoimento antes de partir; soltei um murmurio de aprovação. A polícia, assoberbada pelas tarefas administrativas, não tinha tempo suficiente para sua verdadeira tarefa, a investigação; foi o que deduzi de diferentes reportagens na televisão. Ele aprovou, dessa vez com entusiasmo. Aquele interrogatório partia de boas bases, numa atmosfera de confiança recíproca. O Windows entrou na tela com um barulhinho feliz.

A morte do meu pai ocorreu no fim da tarde ou na noite de 14 de novembro. Nesse dia eu estava trabalhando; também trabalhei no dia 15. Claro, eu poderia ter pegado meu carro e matado meu pai, indo e voltando na mesma noite. O que eu estava fazendo na noite de 14 de novembro? Que eu me lembresse, nada; nada de notável. Não conservava, em todo caso, nenhuma recordação, embora tivesse sido menos de uma semana antes. Eu não tinha parceira sexual regular, nem mesmo alguma amiga íntima; nessas condições, como lembrar? Os dias passam, e pronto. Lancei um olhar aflito ao capitão Chaumont; gostaria de ajudá-lo, ou pelo menos orientar a direção de sua investigação. “Vou consultar minha agenda”, disse eu. Não esperava nada fazendo isso, mas, curiosamente, havia um número de celular no dia 14, embaixo de um nome: “Coralie”. Que Coralie? Era qualquer coisa, aquela agenda.

— Meus miolos estão uma bosta — disse eu, com um sorriso desiludido. — Mas, sei lá, talvez estivesses numa vernissage.

— Uma vernissage? — Ele aguardava pacientemente, com os dedos alguns centímetros acima do teclado.

— Sim, eu trabalho no Ministério da Cultura. Preparo dossieres para financiamento de exposições, às vezes de espetáculos.

— Espetáculos?

— Espetáculos... dança contemporânea... — Eu me sentia radicalmente desesperado, tomado pela vergonha.

— Quer dizer, trabalha no setor de apoio à cultura.

— É, é isso... Pode-se dizer assim.

Ele me olhava com uma simpatia tingida de seriedade. Tinha noção da existência de atividades culturais, uma consciência vaga porém real. Em sua profissão devia encontrar todo tipo de gente; nenhum meio social lhe podia ser completamente estranho. A polícia é um humanismo.

O resto da conversa se desenrolou mais ou menos normalmente; eu já assistira a filmes desse tipo na televisão, estava preparado para aquele tipo de diálogo. Sabia se meu pai tinha inimigos? Não, mas amigos também não, para dizer a verdade. De qualquer maneira, meu pai não era suficientemente importante para ter inimigos. Quem poderia se beneficiar com a sua morte? Bem, eu. Quando tinha sido a minha última visita? Provavelmente no mês de agosto. Lá na repartição nunca há muita coisa para fazer em agosto. Meus colegas são obrigados a viajar por causa dos filhos; eu fico em Paris, jogo solitário no computador e viajo durante algum fim de semana prolongado por volta do dia 15; este é o panorama das minhas visitas ao meu pai. Eu tinha um bom relacionamento com ele? Sim e não. Ou melhor, não, mas ia vê-lo uma ou duas vezes por ano, o que já é alguma coisa.

Ele balançou a cabeça. Achei que meu depoimento chegava ao fim e senti que gostaria de dizer algo mais. Estava tomado por uma simpatia irracional, anormal, pelo capitão Chaumont. Ele estava preparando a impressora.

— Meu pai era muito esportivo! — larguei-lhe de supetão. Ele ergueu um olhar interrogativo na minha direção. — Sei lá... —